A IGREJA COMO HOSPITAL ESPIRITUAL

A cura da alma, a restauração da pessoa humana e a vida sacramental na tradição cristã ortodoxa



CAPÍTULO I

JESUS CRISTO, MÉDICO DAS ALMAS E DOS CORPOS

1. O encontro de Deus com a humanidade ferida

A vida humana é uma realidade extraordinária, mas também profundamente marcada pela fragilidade. Desde o nascimento até a velhice, experimentamos alegrias e esperanças, mas igualmente enfermidades, perdas, conflitos, frustrações e sofrimentos que nem sempre conseguimos compreender.

Existem feridas que atingem o corpo, outras que perturbam a mente e muitas que permanecem silenciosamente no interior da alma. Há pessoas que carregam ressentimentos durante décadas; outras vivem aprisionadas pelo medo, pela culpa, pela solidão ou pela incapacidade de perdoar. Existem ainda aquelas que, embora aparentemente saudáveis e socialmente bem-sucedidas, experimentam um profundo vazio existencial.

A fé cristã ortodoxa anuncia que Deus não permaneceu indiferente à condição humana. Na plenitude dos tempos, o Verbo eterno de Deus assumiu nossa natureza, entrando na história não apenas para ensinar princípios religiosos, mas para restaurar a comunhão entre o Criador e sua criatura.

> *«E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.» — João 1,14*

Na Encarnação, o próprio Deus aproxima-se da humanidade ferida. Jesus Cristo conhece a fome, o cansaço, a tristeza, as lágrimas, a rejeição e a dor. Participa verdadeiramente da nossa condição humana, sem pecado, para conduzi-la à comunhão com a vida divina.

Por isso, o cristianismo não apresenta somente uma doutrina de aperfeiçoamento moral. Apresenta, antes de tudo, uma Pessoa: Jesus Cristo, Salvador, Redentor e Médico das almas e dos corpos. Ele não veio simplesmente explicar o sofrimento. Veio compartilhar nossa condição, revelar a misericórdia do Pai e inaugurar o caminho da restauração humana.

2. Jesus Cristo, o verdadeiro Médico

Nos Evangelhos, encontramos Jesus percorrendo cidades e aldeias, anunciando o Reino de Deus e acolhendo pessoas atingidas por diferentes formas de sofrimento. Ele se aproxima dos enfermos, toca os considerados impuros, escuta os desesperados, devolve esperança aos marginalizados e chama os pecadores à conversão.

> *«Jesus percorria todas as cidades e aldeias,*
> *ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho*

do Reino e curando toda doença e enfermidade.»
— Mateus 9,35

Esse ministério de cura não constitui um detalhe secundário da vida pública de Jesus. Integra a manifestação de sua missão messiânica. Cristo revela que Deus deseja a vida, a restauração da dignidade humana e a vitória definitiva sobre o pecado e a morte.

Quando os fariseus censuraram Jesus por aproximar-se de publicanos e pecadores, Ele respondeu: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes.» — Mateus 9,12

A resposta revela um princípio fundamental da espiritualidade cristã: ninguém precisa apresentar-se diante de Deus como uma pessoa perfeita para receber seu amor. A consciência da própria fragilidade pode tornar-se o início da conversão.

O enfermo procura o médico porque reconhece sua necessidade de cuidado. Semelhantemente, aquele que reconhece suas limitações espirituais pode abrir-se à ação restauradora da graça divina. O orgulho, ao contrário, frequentemente impede esse encontro, porque leva a pessoa a considerar-se autossuficiente.

Cristo, entretanto, não veio apenas aos que reconhecem facilmente suas necessidades. Sua graça também procura despertar aqueles que ainda não percebem as próprias feridas.

3. A cura do paralítico: quando Cristo restaura a pessoa inteira

Um dos acontecimentos mais significativos do ministério de Jesus é a cura do paralítico apresentado por quatro homens. O Evangelho de Marcos relata que, diante da multidão que impedia a aproximação, os companheiros abriram uma passagem pelo teto da casa e desceram o enfermo até a presença de Jesus.

Ao contemplar aquela expressão de confiança, Cristo dirigiu-se ao paralítico: «Filho, os teus pecados estão perdoados.» — Marcos 2,5

Posteriormente, ordenou-lhe que se levantasse, tomasse seu leito e caminhasse. Nesse episódio, encontramos duas dimensões distintas e relacionadas da ação de Cristo: a reconciliação espiritual e a cura física.

É importante, porém, compreender corretamente o sentido da passagem. O Evangelho não afirma que a paralisia daquele homem tenha sido provocada por pecados pessoais. A narrativa mostra que Jesus

possui autoridade para perdoar os pecados e restaurar a saúde, sem estabelecer uma relação causal necessária entre a enfermidade e a culpa moral.

Essa distinção é fundamental para o cuidado pastoral. Uma pessoa pode adoecer sem ter cometido qualquer falta relacionada à sua enfermidade. Doenças genéticas, infecciosas, degenerativas, autoimunes, neurológicas ou psiquiátricas não devem ser interpretadas automaticamente como castigos divinos.

O próprio Jesus rejeitou uma associação semelhante ao encontrar um homem cego desde o nascimento. Quando os discípulos perguntaram quem havia pecado para que ele nascesse cego, Cristo respondeu que nem ele nem seus pais haviam pecado como causa daquela condição (João 9,1–3).

Portanto, a missão espiritual da Igreja não consiste em atribuir culpas aos enfermos, mas em acolhê-los e cuidar deles com amor. No episódio do paralítico, encontramos ainda outro ensinamento: os amigos que o conduziram até Jesus representam a importância da comunidade.

Nem sempre conseguimos caminhar sozinhos. Há momentos em que precisamos ser sustentados pela fé, pela solidariedade e pelas orações de outras pessoas. Essa é uma das mais belas expressões da Igreja como hospital espiritual: uma comunidade na qual os irmãos se ajudam a encontrar Cristo.

4. A compaixão de Cristo diante do sofrimento

O Evangelho apresenta Jesus não como alguém distante das dores humanas, mas como aquele que se comove diante do sofrimento. Quando encontrou a viúva de Naim acompanhando o cortejo fúnebre de seu único filho, o Senhor foi movido de compaixão (Lucas 7,11–15).

Diante do túmulo de Lázaro, Jesus chorou (João 11,35). No Getsêmani, experimentou profunda tristeza e angústia, entregando-se em oração à vontade do Pai (Mateus 26,36–46).

Esses acontecimentos revelam uma verdade essencial: a sensibilidade diante da dor não representa fraqueza espiritual. O cristão não é chamado a tornar-se insensível ao sofrimento, mas a aprender a enfrentá-lo sem perder a esperança.

Uma comunidade religiosa que despreza as lágrimas, ridiculariza a fragilidade emocional ou condena

imediatamente quem manifesta tristeza afasta-se do exemplo de Cristo. O Senhor não humilha a pessoa ferida. Ele a encontra em sua realidade concreta.

Aproxima-se de quem sofre, escuta suas necessidades e oferece o auxílio adequado à situação. Assim também deve agir a Igreja. O sacerdote, o diácono, os responsáveis pastorais e toda a comunidade são chamados a desenvolver uma espiritualidade da compaixão.

Não basta anunciar que Deus é amor. É necessário tornar esse amor perceptível nas relações humanas.

5. O Bom Samaritano: a misericórdia que se transforma em cuidado

A parábola do Bom Samaritano, registrada em Lucas 10,25–37, constitui uma das mais importantes referências bíblicas para compreender a missão restauradora da Igreja.

Um homem foi assaltado, ferido e abandonado à beira do caminho. Algumas pessoas passaram por ele sem prestar auxílio. O samaritano, entretanto, aproximou-se, tratou suas feridas, colocou-o sobre seu animal, conduziu-o a uma hospedaria e providenciou os cuidados necessários.

O ensinamento vai muito além de uma recomendação moral abstrata. A misericórdia verdadeira manifesta-se em atitudes concretas. O samaritano não se limitou a desejar que o ferido melhorasse. Realizou ações destinadas a preservar sua vida e favorecer sua recuperação.

Na interpretação espiritual cristã, a parábola também pode ser contemplada como imagem da solicitude de Cristo pela humanidade ferida. Ele se aproxima do ser humano caído, oferece sua misericórdia e o conduz a um lugar de cuidado.

Nessa leitura, a Igreja pode ser compreendida simbolicamente como a hospedaria que acolhe os feridos da existência. Essa interpretação espiritual não elimina o sentido imediato da parábola: todo ser humano é chamado a tornar-se próximo de quem sofre.

A Igreja precisa realizar ambas as dimensões. Deve anunciar a salvação oferecida por Cristo e, simultaneamente, organizar formas concretas de assistência aos enfermos, aos idosos, às famílias em crise, aos pobres, aos enlutados e às pessoas emocionalmente fragilizadas.

A espiritualidade que não se traduz em misericórdia corre o risco de transformar-se em discurso religioso sem vida.

6. A visão dos Santos Padres: Cristo como Médico divino

A compreensão de Jesus Cristo como Médico espiritual está presente desde os primeiros séculos do cristianismo. Santo Inácio de Antioquia, no início do século II, apresenta Cristo como o único e verdadeiro Médico, que reúne em sua pessoa a realidade divina e a natureza humana.

Na Carta aos Efésios, capítulo VII, a linguagem médica expressa a fé na Encarnação e na capacidade salvadora do Senhor. A importância desse testemunho está em sua antiguidade: a imagem de Cristo como Médico não é uma criação espiritual moderna, mas pertence à tradição cristã primitiva.

São João Crisóstomo, por sua vez, utiliza a imagem da Igreja como lugar de tratamento espiritual, especialmente ao tratar do arrependimento e da misericórdia divina. Em suas homilias sobre a penitência, apresenta a comunidade cristã como lugar onde o pecador encontra a possibilidade de reconciliação, e não apenas a exposição pública de

sua culpa.

Essa visão não significa negar a responsabilidade moral. Assim como um médico precisa reconhecer a enfermidade para tratá-la, o acompanhamento espiritual exige sinceridade, discernimento e disposição para transformar a própria vida. A diferença fundamental está na finalidade. O objetivo não é destruir moralmente quem caiu, mas ajudá-lo a levantar-se.

São Basílio Magno também oferece um ensinamento importante sobre a relação entre fé e cuidados materiais. Em suas Regras Maiores, questão 55, reconhece a medicina como uma atividade útil e compatível com a vida cristã, quando exercida corretamente.

O cuidado do corpo e o cuidado da alma não precisam ser adversários. Podem ser expressões complementares da solicitude humana diante da vida recebida de Deus. Esses testemunhos patrísticos oferecem fundamentos para uma pastoral que reúne fidelidade doutrinária, discernimento, acolhimento e responsabilidade diante do sofrimento.

7. A Encarnação e a restauração da natureza humana

Na teologia ortodoxa, a salvação não se limita à absolvição de uma culpa jurídica. Ela envolve a restauração da comunhão com Deus e a transformação da existência humana pela graça. A Encarnação do Verbo constitui o fundamento dessa esperança.

Ao assumir verdadeiramente nossa natureza, Cristo revela a dignidade do ser humano e inaugura a possibilidade de sua renovação. Essa restauração alcança seu centro na vida, na morte e na Ressurreição do Senhor. A vitória de Cristo sobre a morte constitui o fundamento último da esperança cristã.

Entretanto, essa vitória não significa que todos os cristãos deixarão de experimentar enfermidades, envelhecimento ou sofrimento durante a vida terrena. Mesmo pessoas profundamente santas adoeceram e morreram. A plenitude da restauração humana pertence à consumação do Reino de Deus.

Enquanto caminhamos na história, participamos antecipadamente dessa vida nova por meio da fé, da graça, dos sacramentos, da oração e do amor. Por isso, é necessário distinguir cura física, restauração

espiritual e salvação.

Uma pessoa pode recuperar a saúde corporal e continuar espiritualmente desorientada. Outra pode permanecer com uma enfermidade crônica e, ainda assim, experimentar profunda paz, reconciliação, esperança e comunhão com Deus.

Ambas precisam ser acolhidas com a mesma dignidade. A graça divina não deve ser medida exclusivamente pelos resultados físicos observáveis. O amor de Deus não diminui quando uma enfermidade permanece.

8. A oração, a imposição das mãos e a ação restauradora de Cristo

O ministério de Jesus apresenta diferentes formas de cuidado e cura. Em algumas ocasiões, Ele pronuncia uma palavra de autoridade. Em outras, toca os enfermos, aproxima-se deles ou responde à confiança expressa por quem procura sua ajuda.

> *«Ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de diversas doenças os traziam a Jesus. Ele impunha as mãos sobre cada um e os curava.» — Lucas 4,40*

A imposição das mãos possui importante significado bíblico. No ministério cristão, pode expressar bênção, intercessão, súplica pela graça divina e cuidado espiritual. A Igreja preserva a prática de orar pelos enfermos, invocando sobre eles a misericórdia de Deus.

Contudo, é essencial recordar que o sacerdote não possui um poder independente de Cristo. A fonte da graça é o próprio Deus. O ministro ordenado atua como servidor da Igreja, conduzindo os fiéis à oração e à vida sacramental.

A eficácia da ação divina não pode ser reduzida à intensidade emocional do celebrante, à quantidade de palavras utilizadas ou à expectativa de um resultado imediato. Do mesmo modo, a ausência de uma cura física não constitui prova de falta de fé da pessoa enferma.

O ministério sacerdotal exige, portanto, humildade, prudência e profunda responsabilidade pastoral.

9. A Igreja continua a missão de Cristo

Após sua Ressurreição, Jesus confiou aos Apóstolos a missão de anunciar o Evangelho, formar discípulos, batizar e cuidar da comunidade dos fiéis. A Igreja não substitui Cristo. Ela prolonga sacramentalmente seu testemunho e anuncia sua presença salvadora no mundo.

No livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos uma comunidade caracterizada pela oração, pela fração do pão, pela comunhão fraterna e pela solidariedade (Atos 2,42–47). Essa experiência da Igreja primitiva revela que a vida cristã não se resume a uma relação exclusivamente individual com Deus. A fé possui uma dimensão comunitária.

Os membros da Igreja rezam uns pelos outros, repartem seus recursos, sustentam os mais frágeis e participam da mesma vida sacramental.

> *«Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor.» — Tiago 5,14*

Esse texto constitui uma das referências fundamentais da tradição cristã para a oração sacerdotal pelos enfermos e para a Santa Unção. A

Igreja conserva também a comemoração dos enfermos na Divina Liturgia, as intercessões comunitárias, as bênçãos, a visita aos doentes e o acompanhamento das famílias.

Essas práticas expressam a convicção de que a enfermidade não deve afastar a pessoa da comunhão eclesial. Ao contrário, os mais fragilizados necessitam de atenção especial. Uma comunidade verdadeiramente cristã não abandona seus membros quando envelhecem, adoecem ou já não conseguem participar regularmente das celebrações.

10. A responsabilidade do sacerdote diante da pessoa enferma

Se Jesus Cristo é o verdadeiro Médico das almas e dos corpos, o sacerdote é chamado a ser um servidor de sua misericórdia. Isso significa que a atividade pastoral deve estar fundada na oração, na escuta, na discrição, na prudência e no amor.

Ao encontrar alguém em sofrimento, o sacerdote não deve iniciar sua assistência com acusações ou interpretações precipitadas. É necessário conhecer a realidade da pessoa. Uma enfermidade pode envolver fatores orgânicos, psicológicos, familiares, sociais ou espirituais, frequentemente relacionados

entre si.

Uma pessoa que sofre de depressão, por exemplo, não deve ser automaticamente considerada espiritualmente fraca. Quem sofre de ansiedade não deve ser acusado de falta de confiança em Deus. Uma criança traumatizada por violência familiar não precisa ouvir que seu sofrimento resulta de uma punição divina.

Da mesma forma, alterações de comportamento, experiências perceptivas incomuns ou sofrimento psíquico não devem ser imediatamente classificados como manifestações demoníacas. O discernimento pastoral responsável reconhece os limites da atuação sacerdotal e a necessidade de colaboração com profissionais habilitados.

O cuidado espiritual não precisa competir com o tratamento médico ou psicológico. O sacerdote pode rezar, aconselhar, ministrar os sacramentos, visitar, acolher e acompanhar espiritualmente. O médico e os demais profissionais de saúde podem investigar doenças, estabelecer diagnósticos e oferecer os tratamentos apropriados. Essas atividades possuem competências distintas, mas podem colaborar em benefício da pessoa humana.

O próprio São Basílio Magno reconheceu o valor dos recursos medicinais. Portanto, desprezar os cuidados necessários à saúde não constitui demonstração superior de fé. É dever pastoral encorajar o fiel a receber assistência adequada, especialmente em situações graves.

A oração permanece essencial, não porque substitua todo cuidado humano, mas porque introduz a pessoa na comunhão com Deus, fonte última da vida e da esperança cristã.

11. Quando a cura física não acontece

Uma das questões mais delicadas do acompanhamento espiritual surge quando a pessoa, apesar de suas orações e dos cuidados recebidos, não recupera a saúde. Alguns cristãos experimentam profunda frustração, imaginando que Deus os abandonou. Outros podem ser atingidos por sentimentos de culpa, acreditando que sua fé foi insuficiente.

Essa interpretação exige correção. O Novo Testamento não promete que todos os fiéis serão libertados de todas as enfermidades durante a vida terrena.

São Paulo menciona seu sofrimento persistente e relata que, após suplicar ao Senhor, recebeu a resposta: «A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.» — 2 Coríntios 12,9

A passagem não deve ser utilizada para desencorajar a busca de tratamento ou para exigir resignação diante de sofrimento evitável. Ela testemunha que a presença de Deus pode sustentar a pessoa mesmo quando a dificuldade não desaparece.

O enfermo continua sendo amado por Deus. A pessoa com deficiência conserva integralmente sua dignidade. O idoso em situação de dependência permanece membro precioso da comunidade cristã. Aquele que se aproxima da morte não deve ser considerado espiritualmente derrotado.

Nesses momentos, a missão da Igreja manifesta-se de maneira particularmente profunda. O sacerdote pode oferecer a oração, a reconciliação, a Santa Eucaristia quando apropriada, a Santa Unção, a bênção e a presença consoladora. A comunidade pode oferecer alimento, companhia, auxílio material e apoio aos familiares.

A verdadeira caridade cristã não termina quando a medicina já não consegue oferecer possibilidades

curativas. Ela prossegue no cuidado paliativo, na solidariedade, na companhia e na esperança da Ressurreição.

12. A restauração do coração: o sinal de uma vida renovada

As curas narradas nos Evangelhos manifestam o poder e a misericórdia de Cristo. Mas sua missão não se reduz à recuperação das funções físicas. Jesus chama as pessoas a uma vida nova. Convida ao perdão, à reconciliação, à generosidade, à oração e à transformação das relações humanas.

Uma pessoa espiritualmente restaurada começa a compreender que a vida não pode ser organizada somente em torno dos próprios interesses. Aprende a reconhecer sua dependência de Deus e sua responsabilidade diante do próximo.

A restauração do coração manifesta-se progressivamente na capacidade de amar. Aquele que antes vivia dominado pelo ressentimento pode aprender a abandonar o desejo de vingança. Quem estava aprisionado pelo orgulho pode desenvolver humildade. A pessoa que se afastou da comunidade pode encontrar um caminho de reconciliação. O indivíduo marcado pelo desespero pode redescobrir

razões para viver.

Essas transformações não acontecem necessariamente de maneira imediata. O amadurecimento espiritual exige tempo, perseverança, acompanhamento e cooperação livre com a graça de Deus.

A Igreja oferece o ambiente no qual esse caminho pode ser vivido. A oração, a escuta da Palavra, os sacramentos, a orientação espiritual e a caridade fraterna constituem dimensões fundamentais dessa experiência.

É nesse sentido que podemos compreender a Igreja como hospital espiritual. Não um lugar reservado aos que já alcançaram a perfeição, mas uma comunidade de pessoas chamadas à santidade e continuamente necessitadas da misericórdia divina.

13. A presença de Cristo no cuidado dos pequenos e sofredores

No Evangelho de Mateus, Jesus identifica-se de maneira especial com aqueles que padecem necessidades. Na descrição do julgamento das nações, declara: «Estive enfermo e me visitastes.» — Mateus 25,36

Essa afirmação possui consequências profundas para a espiritualidade cristã. Visitar um enfermo não é apenas realizar uma atividade beneficente. É responder ao chamado do próprio Cristo, que nos convida a reconhecê-lo nos irmãos mais vulneráveis.

A fé torna-se concreta quando se transforma em serviço. De pouco adianta ornamentar os templos com beleza e solenidade se permanecermos indiferentes diante de pessoas abandonadas, famintas, enfermas ou desesperadas.

A riqueza litúrgica da Igreja Ortodoxa encontra sua expressão ética no amor fraterno. A Divina Liturgia celebra a comunhão com Cristo e fortalece os fiéis para viverem essa comunhão no mundo. A oração não deve nos afastar das necessidades humanas. Deve tornar nosso coração mais sensível a elas.

Uma Igreja que deseja anunciar Cristo como Médico das almas e dos corpos precisa desenvolver uma pastoral de proximidade. Isso inclui a visita aos enfermos, a atenção aos idosos, o acolhimento das famílias, o cuidado das crianças, o apoio aos enlutados e a intercessão por aqueles que enfrentam situações difíceis.

A assistência espiritual deve ser oferecida com respeito à consciência, à liberdade e à dignidade de cada pessoa. O cuidado cristão não pode ser instrumento de coerção religiosa. Sua inspiração deve ser sempre o amor de Cristo.

14. Cristo continua a chamar os que sofrem

O convite de Jesus permanece atual: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos darei descanso.» — Mateus 11,28

Essas palavras alcançam os enfermos, os enlutados, os angustiados, os desanimados e todos aqueles que se encontram sobrecarregados pelas exigências da existência. Cristo não promete uma vida isenta de dificuldades. Ele oferece sua presença e chama o ser humano a permanecer em comunhão com Deus.

A Igreja é enviada ao mundo para testemunhar essa presença. Sua missão não consiste apenas em conservar edifícios, celebrar solenidades ou administrar estruturas religiosas. Tudo isso encontra sentido quando está a serviço do Evangelho.

A Igreja existe para anunciar Cristo, celebrar os santos mistérios, ensinar a verdade apostólica, santificar a vida e servir à humanidade com misericórdia.

Quando um sacerdote escuta pacientemente alguém aflito, a Igreja manifesta seu cuidado. Quando a comunidade visita um enfermo abandonado, torna visível o amor cristão. Quando um pecador encontra acolhida para arrepender-se, manifesta-se a esperança da reconciliação.

Quando os fiéis se reúnem para celebrar a Divina Eucaristia, testemunham que sua vida encontra o verdadeiro fundamento na comunhão com Cristo. E quando uma pessoa fragilizada descobre que não está sozinha, a missão restauradora da Igreja se torna concreta.

Conclusão do capítulo

A compreensão de Jesus Cristo como Médico das almas e dos corpos constitui uma das mais belas expressões da espiritualidade cristã ortodoxa. Nele, a humanidade encontra não apenas ensinamentos, mas a presença do Salvador que assumiu nossa condição e venceu a morte pela Ressurreição.

Sua misericórdia não elimina a responsabilidade humana, mas abre caminhos de conversão. Sua compaixão não despreza a fragilidade, mas acolhe a pessoa em sua realidade. Seu poder restaurador não pode ser reduzido a resultados físicos imediatos, pois

a salvação envolve a comunhão com Deus e a renovação integral da existência.

A Igreja, como Corpo de Cristo, é chamada a testemunhar essa realidade por meio da Palavra, da oração, dos sacramentos, do acompanhamento espiritual e da caridade. O sacerdote não é um proprietário da graça, mas seu servidor. O enfermo não é um culpado a ser condenado, mas uma pessoa a ser amada e assistida. A comunidade não é uma reunião de indivíduos perfeitos, mas uma família espiritual convocada à santidade.

A verdadeira Igreja de Cristo deve ser reconhecida não apenas pela beleza de seus templos e pela solenidade de sua liturgia, mas também pela profundidade de sua misericórdia.

Onde existe acolhimento, reconciliação, oração, verdade e amor, a missão restauradora de Cristo continua a manifestar-se na vida da Igreja.

Oração a Jesus Cristo, Médico das almas e dos corpos

Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, Médico de nossas almas e de nossos corpos, contemplai com misericórdia a humanidade ferida.

Vós que acolhestes os enfermos, consolastes os aflitos, perdoastes os pecadores e restituístes esperança aos desesperados, visitai também aqueles que hoje sofrem.

Fortalecei os que enfrentam enfermidades do corpo, concedei serenidade aos que vivem atormentados pelo medo e sustentai aqueles que perderam a alegria de viver.

Iluminai os médicos e todos os profissionais dedicados ao cuidado da saúde.

Abençoai os sacerdotes, diáconos e servidores da Igreja, para que exerçam seu ministério com humildade, prudência e verdadeiro amor.

Ensinai-nos a reconhecer vossa presença nos enfermos, nos pobres, nos idosos, nas crianças e em todos aqueles que necessitam de auxílio.

Concedei-nos um coração misericordioso, capaz de perdoar, acolher, consolar e servir.

Que vossa santa Igreja seja sempre um lugar de esperança, reconciliação e restauração espiritual.

Pois Vós sois a fonte da vida, da misericórdia e da salvação, e a Vós glorificamos, juntamente com o Pai eterno e o Santíssimo, Bom e Vivificante Espírito,

agora e sempre, e pelos séculos dos séculos.

Amém.

Referências do capítulo

Sagrada Escritura: Mateus 9,9–13; 9,35; 11,28–30; 25,31–46; 26,36–46; Marcos 2,1–12; Lucas 4,38–41; 7,11–15; 10,25–37; João 1,14; 9,1–3; 11,1–44; Atos 2,42–47; 2 Coríntios 12,7–10; Tiago 5,13–16.

Santo Inácio de Antioquia. Carta aos Efésios, capítulo VII.

São João Crisóstomo. Homilias sobre a Penitência, especialmente a terceira homilia.

São Basílio Magno. Regras Maiores, questão 55, sobre o uso da medicina.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

www.iaoa.com.br